

## DE DIVISIONE PHILOSOPHIAE DE DOMINGO GUNDISALVO: O INTENTO DA FILOSOFIA (TRADUÇÃO)

FARIAS, Diego Atahualpa de Andrade Ramires Farias<sup>1</sup>; LEITE JUNIOR, Pedro Gilberto da Silva<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – daarfarias.ufpel@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – pedroleite.pro@ig.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

A presente tradução é constituída de uma passagem do Prólogo da obra *De divisione philosophiae* na qual Domingo Gundisalvo trata acerca do propósito da filosofia. Para responder a questão de qual seria o intento da filosofia, o autor expõe uma definição encontrada no início da *Lógica de Avicena*<sup>1</sup>. Em tal obra, Avicena afirma que o propósito da filosofia é a compreensão da verdade de "todas as coisas que são". Após apresentar tal definição, Gundisalvo afirma que de todas as coisas que "são", (i) umas advêm da vontade e obra humana, e (ii) outras, do contrário, não dependem da nossa vontade e obra. Nesse sentido, segundo ele, todas as coisas podem ser divididas em dois tipos, isto é, tudo que "é" ou (a) começa "ser", ou (b) não começa "ser". Gundisalvo afirma que apenas Deus caracteriza-se como aquilo que (b) não começa "ser", uma vez que Deus é verdadeiramente eterno e, portanto, não tem início e fim. Por outro lado, referente ao primeiro ponto (a), Gundisalvo apresenta uma série de divisões nas quais trata acerca das inúmeras coisas que começam "ser". De fato, para Gundisalvo tudo que começa "ser" é distinguido em três gêneros de coisas: (i) aquelas que são anteriores ao tempo, (ii) aquelas que são simultâneas ao tempo e, por fim, (iii) aquelas que são posteriores ao tempo. Estas últimas, as quais são chamadas de temporais, dividem-se, por sua vez, em naturais e artificiais ou ainda estas podem ser simultaneamente naturais e artificiais.

Por fim, Gundisalvo afirma que, como tudo que 'é' advêm ou da vontade e obra humana ou a partir da obra de Deus ou da natureza, a filosofia necessariamente é dividida em (i) prática, a qual trata acerca de como o homem deve agir ou (ii) teórica, a qual ocupa-se do conhecimento das diversas coisas que existem. Pois, alega Gundisalvo, o escopo da filosofia é o aperfeiçoamento da alma, mediante a ciência e as ações humanas.

### 2. METODOLOGIA

Para a tradução, utilizou-se a edição latina da *De divisione philosophiae* de Domingo Gundisalvo estabelecida por Ludwig Baur. Cotejada com a tradução inglesa de Edward Grand.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Prólogo<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> No tocante as referências, seguimos conforme a anotação de Baur em sua edição latina.

<sup>2</sup> Prólogo p. 9-12.

Tendo sido visto porque [a filosofia] é assim chamada, agora, vejamos qual é seu intento. “O intento da filosofia é compreender a verdade de todas as coisas que são, na medida que é possível ao homem”<sup>3</sup>. Mas de todas as coisas que são, umas são a partir de nossa obra e vontade, como as nossas obras humanas, tais como as leis, as constituições, as práticas do culto de deus, as guerras e outras coisas deste tipo; outras não são a partir de nossa obra nem de nossa vontade, como Deus, os anjos, o céu, a terra, os vegetais, os animais, os metais, os espíritos e todas as coisas naturais<sup>4</sup>. A totalidade de todas as coisas pode ser compreendida assim: tudo que é, ou começa “ser” ou não começa “ser”. Não começa “ser”, como Deus, criador de todas as coisas: Pai, Filho e Espírito Santo; e este é verdadeiramente eterno, o qual não possui início e fim. Por outro lado, começa “ser”, como toda criatura. Ademais, tudo que começa “ser”, ou começa “ser” antes do tempo, como o *hyle* e a criatura angélica, ou juntamente com o tempo, como os corpos celestes, os elementos [invisíveis e puros], os elementos [visíveis] desta primeira composição<sup>5</sup>, e estas são sempiternas que carecem de fim; ou começa “ser” depois do tempo, como todas as outras coisas. Destas últimas umas carecem de fim, como a alma racional, outras têm fim, assim como todas as coisas temporais, que começam no tempo e cessam no tempo. Destas coisas temporais, umas são naturais, outras são artificiais. As naturais são aquelas que com o movimento da natureza, operando visivelmente, emergem da potência ao ato, como todas as coisas animadas que nascem da terra e as espécies de animais de cargas; e as inanimadas que ou provêm da combinação, composição ou conversão dos elementos, ou que resultam das paixões do ar, como a neve, o granizo, a chuva e outras coisas deste tipo. De fato, as coisas artificiais são aquelas que são feitas a partir da arte e da vontade do homem, assim como as coisas subtales. Além disso, algumas são simultaneamente naturais e artificiais, como o vinho, a estátua, a espada, a espiga e coisas similares. Mas estas são coisas naturais quanto a matéria a partir da qual elas são, as artificiais são [coisas naturais] quanto a forma pela qual são aquilo que são. De fato, as teias das aranhas, os ninhos dos pássaros, a célula das abelhas e coisas similares são computadas entre as coisas naturais.

A partir destas coisas, então, torna-se manifesto porque tudo que existe, ou é a partir de nossa obra e nossa vontade ou não é a partir de nossa obra, mas a partir da de Deus ou da natureza. Mas visto que não há nenhuma ciência, que não tenha sujeito, da qual ela trata, não há nada que não seja de um destes dois gêneros: por isso que a filosofia em primeiro lugar é dividida em duas partes: uma parte é aquela pela qual conhecemos as disposições de nossas obras; a outra é aquela pela qual conhecemos todas as outras coisas que existem. Pois há uma parte da filosofia que nos faz conhecer o que deve ser feito e esta é chamada de “prática” (*practica*); e há outra que nos faz conhecer o que deve ser entendido, e esta é “teórica” (*theorica*). Portanto uma está no intelecto, outra no efeito; uma consiste na cognição sozinha da mente, a outra na execução da obra. Pois, visto que a filosofia foi inventada para isto, a fim de que através dela a alma seja aperfeiçoada, há duas vias pelas quais a alma é aperfeiçoada, a saber, a ciência e a operação, por isto a filosofia, que é a ordem da alma, necessariamente é dividida em ciência e operação, da mesma forma que a alma é dividida em sentido e razão; pois a operação concerne à parte sensível e a especulação

---

<sup>3</sup> Avicena, Lógica, Capítulo 1.

<sup>4</sup> Algazel, Metafísica, Parte I.

<sup>5</sup> A distinção entre os termos '*elementa*' e '*elementata*' é tratada por Gundisalvo nas seções 16, n.28, e 109.1, n.10.

concerne à parte racional. Mas visto que a parte racional da alma é dividida em cognição das coisas divinas, a saber, aquelas que não são a partir de nossa obra, e na cognição das coisas humanas, a saber, aquelas que são a partir de nossa obra, por esta razão o escopo da filosofia é a perfeição da alma, não para que [o homem] conheça apenas o que deva ser compreendido, mas também para que ele conheça o que deva fazer e o que ele faz. Pois o fim da especulativa é formulação de uma opinião para o entendimento; o fim da prática, de fato, é a formulação de uma opinião para a ação.

#### 4. CONCLUSÕES

Por resultado, buscou-se realizar uma tradução mais fiel possível ao texto original latino, a fim de respeitar o estilo literário do autor. Com o escopo de apresentar ao público de língua portuguesa um fragmento desta obra que caracterizou-se como uma introdução ao estudo da filosofia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHROUST, Anton-Hermann. The definitions of philosophy in the *De divisione philosophiae of dominicus gundissalinus*. *The New Scholasticism* 25 (3), p. 253-281, 1951.

DOMINGO GUNDISALVO. *De divisione philosophiae*. Ed. Ludwig Baur, *Beitrag zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters*, IV, 2-3, Munster, 1903.

*De divisione philosophiae*. Tradução inglesa de Edward Grand. In: GRANT, E. *A source book in medieval science*, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.